



## **ESCOPOFILIA**

Thais Helena da Silva Leite  
José Soares de Magalhães Filho  
Universidade Federal do Espírito Santo

### **RESUMO**

Composição com fotos, quadrinhos e música, resultando num vídeo minuto que faz uma livre interpretação da palavra Escopofilia, no intuito de combinar elementos verossímeis de sexualidade e inocência. A história é a de uma menina que observa uma massagem sendo feita em uma mulher, por um homem, em um quarto escuro, com muita sensualidade, provocando excitação na personagem que observa.

**PALAVRAS-CHAVE:** vídeo minuto; escopofilia; quadrinhos; sexualidade; naturalidade.

### **INTRODUÇÃO**

A primeira turma de audiovisual da Universidade Federal do Espírito Santo realizou um exercício na disciplina fotografia, sob orientação do prof<sup>o</sup>. José Soares de Magalhães Filho. Este vídeo minuto é o resultado desse trabalho.

O vídeo busca em apenas um minuto passar um conceito de escopofilia por meio de uma ficção, sem falas. Produzido com a edição de duzentas e quarenta fotos, em um cenário que procura colocar no espectador um sentido de desconhecimento, de não identificável, aborda a questão da sexualidade feminina de forma romaneada e cômica, mesclando esses dois gêneros.

O conceito do simples e natural perpassa todo o trabalho: na escolha do cenário, da atriz, dos quadrinhos, na utilização de poucos recursos audiovisuais, trabalhando com significantes como luz e sombra, música como fio condutor e fotos em movimento.



## 2 OBJETIVO

Realizar um vídeo com dois estímulos visuais diferentes (fotos e quadrinhos) e sonoros músicas brasileiras.

Fazer uma leitura audiovisual da palavra escopofilia.

Provocar uma relação de empatia do espectador com a ingenuidade da personagem, no intuito de mostrar outra lógica do feminino, a da naturalidade.

## 3 JUSTIFICATIVA

Na série “*No estranho planeta dos seres audiovisuais*”, transmitida pelo Canal Futura, (com produção de Cao Hamburger), o capítulo sobre vídeos eróticos cita a palavra escopofilia. Apaixonante foneticamente foi se desvelando a palavra como seu próprio significado: o prazer de olhar.

Pensando o conceito de escopofilia, podemos considerar que ele se entrelaça com o de cinema, ou seja, nas duas situações (na observação escopofílica e no ato de assistir a um filme), o espectador é um anônimo que se esconde na escuridão da sala de projeção e que vive intensamente a ficção da tela, tal qual um observador da sexualidade do outro. Tendo a escuridão como pano de fundo para sua vivência, contraditoriamente busca a solidão, o ausentar-se da realidade, enquanto mergulha no universo do outrem, até incorporando a personagem que observa.

Na questão da sexualidade,

*O escopofílico surge do prazer em usar uma outra pessoa como objeto de estímulo sexual através do olhar (...) desenvolvido através do narcisismo e da constituição de um ego, surge pela identificação com a imagem vista. Assim em termos cinematográficos, implica uma separação entre a identidade erótica do sujeito e o objeto na tela (escopofilia ativa) o que requer também a identificação do ego com o objeto na tela através da fascinação e do reconhecimento do espectador com seu semelhante. (...)*<sup>1</sup>

O jogo de luz e sombra do video minuto (a personagem descendo escadas durante o dia, com sol claro e a observação da massagem ocorrendo no quarto escuro) objetivou levar o espectador a mergulhar na escuridão com a menina, afinal, segundo Reich a escuridão está



associada a sexualidade como aspectos do “mal” , valores que foram transmitidos na formação da sociedade moderna e contemporânea judaica-cristã.

O escuro, o escondido, representando o “mergulho” no nosso inconsciente, como forma de libertar-se do seu ego e dialeticamente buscar o autoconhecimento por meio do ausentar-se da realidade.

Partindo dessas premissas, o vídeo minuto produzido associa o prazer gestado pelo ato cinematográfico (produzir algo para ser visto) com a emoção de abordar a temática da sexualidade singela.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O trabalho é composto de duzentas e quarenta fotos tiradas com a máquina Canon EOS550 D.

O vídeo utilizou um trecho de um quadrinho indiano (Savita Bhabhi ), que foi recortado com Microsoft Office Picture Manager e cada quadrinho inserido na Storyboard.

O programa de edição foi o Pinnacle Studio 9.

#### **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Para transmitir a ideia de ingenuidade e simultaneamente trabalhar com fetiches simbólicos, a atriz é uma jovem com aspecto pueril e foi orientada para que não utilizasse olhares maliciosos. A ambientação foi feita durante o dia, também com o propósito de compor um universo quase infantil, numa locação que fugisse de ambientes convencionais (sala, cozinha, banheiro, quarto) e passasse o sentimento de lugar algum, de metáfora da realidade.

O elemento principal e seu ambiente, segundo Gerard Betton,

*“são interdependentes e interagem, formando juntos um sistema macroscópico profundamente vinculado ao tempo (...) o cenário é frequentemente mais um protagonista do que um simples ambiente sem outra implicação além de sua própria materialidade.”<sup>2</sup>*



A opção pelo quadrinho oriental foi feita desde a elaboração do roteiro. A pesquisa de quadrinhos orientais foi fundamental para compor a imagem da ingenuidade. A produção indiana de Savita Bhabhi é cercada desse sentido de que no sexo, tudo é possível e natural.

As músicas foram selecionadas buscando com elas dar uma cadência de leitura para o vídeo, ou seja, nas primeiras cenas até a personagem chegar na janela, as fotos procuraram dar um ritmo robótico para a atriz, (resultado da velocidade da apresentação das fotos estabelecida na edição), e a música de Arnaldo Antunes, “*Seu olhar*” soma-se à cena, buscando transmitindo a ideia de um movimento lento, quase uma câmera lenta.

A cena que foi editada utilizando os quadrinhos indianos, (uma massagem ocorrendo num quarto) foi musicada com um trecho de “*Voyeur*”, interpretada por Gal Costa. Essa música dialoga com o espectador, conduzindo a mão do massagista do quadrinho pelo corpo da mulher que está na cama.

Em seguida, “*Aquela mulher*” também de Arnaldo Antunes tem um ritmo mais acelerado para dar o sentido de ação, (a personagem foi pode ser descoberta observando a cena) e foi colocada num volume um pouco mais alto para despertar o espectador para a “realidade”: é uma menina que está observando a cena e ela sente com todo o seu corpo a emoção da cena.

O trecho da letra que foi utilizado para dar fechamento ao video minuto : -“*Ela goza com o sabonete, não precisa de você*”, tenta somar mais um sentido à imagem vista do gozo feminino na escada: a da multiplicidade de orgasmos que a mulher pode sentir, naturalmente.

Finalizando, quanto ao conjunto técnico, a produção mais simples (três elementos: fotos, quadrinhos e musicas) foi também uma opção (apenas uma pequena utilização de efeito sonoro: o ranger de uma janela fechando, na transição quadrinhos-fotos), no intuito de ter um reforço na ideia do ingênuo, simples, natural.



## 6 CONSIDERAÇÕES

A produção do vídeo minuto foi um grande desafio, afinal, fazer todas as fases sozinha não é comum na atividade audiovisual (argumento, roteiro, fotos, pesquisa de quadrinho, musicas, edição).

Tive que ficar muito atenta a questão da luminosidade da cena, fato que exigiu mais aprofundamento nas leituras sobre o tema. Para realizar o processo de edição, li muitos tutoriais, que somados ao conhecimento empírico que já tinha, fizeram-me avançar bastante no conhecimento sobre montagem. E, para fundamentar teoricamente meu roteiro, retomei a leitura de textos utilizados no primeiro período do curso, na disciplina Ateliê de audiovisual.

Percebi também que é possível passar uma ideia subjetiva e sensorial em apenas um minuto, sem falas.

Se tivesse que refazê-lo, iria estender um pouco mais o tempo dos quadrinhos das mensagens e ao invés de fotografias utilizaria a filmagem.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=392>, <acessado em 22 de março de 2011>

(2) BETTON, Gerard. **Estética do cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

DUBOIS, Phillipe. “Por uma estética na imagem do vídeo.”. In: **Cinema, Vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

**No estranho planeta dos seres audiovisuais**. Prod: Caos Produções, 2008.

REY, Jovany Sales. **O papel do cinema: guia prático do roteiro cinematográfico**. Vitória: Edição do autor, 2006.

SANTOS, Rudi. “Técnicas Narrativas”. In: **Manual de Vídeo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993